

Anais do IV Seminário Internacional de Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio

A INCLUSÃO / EXCLUSÃO SOCIAL A PARTIR DO FUTEBOL COMO FATOR / ELEMENTO DE IDENTIDADE NACIONAL

Inclusion / exclusion from the football as factor / element of national identity

Wilson Constantino de Araújo Filho¹

1. Mestre em Ciências Sociais - PUC-SP. Professor e Pesquisador das Faculdades Integradas Campos Salles

INTRODUÇÃO

RESUMO

O futebol tem sido observado como fenômeno social de inclusão e fator de elemento da identidade nacional. Por muitos anos foi destaque como esporte tipicamente brasileiro. Atualmente é referência como esporte social que tira muitas crianças da marginalidade e da pobreza. No decorrer do século XX, o futebol, além do processo de “esportificação” se inseriu na lógica industrial dos jogos modernos. É utilizado como “fim político/ideológico” a partir da primeira conquista brasileira da Copa do Mundo em 1958 na Suécia.

Palavras-chave: futebol como fator de inclusão e exclusão, identidade nacional, papel social

ABSTRACT

Football has been seen as a social phenomenon of inclusion and national identity element factor. For many years it has been highlighted as typical Brazilian sport. It is currently as a social sport that takes many children of marginality and poverty. During the twentieth century, football, in addition to the process of “sportification” was inserted in the industrial logic of the modern games. It is used as a “political order / ideological” from the first Brazilian victory of the World Cup in 1958 in Sweden.

Keywords: football as a factor of inclusion and exclusion, national identity, social role

Segundo Marilena Chauí (2000), no decorrer do século XX, no Brasil, afirmou-se um discurso que buscou ressaltar uma suposta tradição do povo brasileiro dentro de um princípio de nacionalidade, dado através de ícones culturais pelo qual o futebol (com sua crescente visibilidade em decorrência de sua conquista) passou a se tornar um “semióforo” nacional, isto é, uma marca simbólica distintiva do povo brasileiro que leva a um sentimento de unidade e de integração nacional, dado através de um mito fundador, constantemente reinventado para manter sua atualidade, fruto de um produto social presente no imaginário do povo brasileiro.

No decorrer do século XX, o futebol, além do processo de “esportificação” que o levou a se inserir cada vez mais na lógica industrial dos jogos modernos, no caso do Brasil, também passou a ser utilizado com “fins políticos - ideológicos” pelo Estado brasileiro, especialmente a partir da primeira conquista brasileira da Copa do Mundo em 1958 na Suécia:

“Em 1958, quando a seleção brasileira de futebol ganhou a Copa do Mundo, músicas populares afirmavam que ‘a copa do mundo é nossa’ porque ‘com o brasileiro não há quem possa’, e o brasileiro era descrito como ‘bom no couro’ e ‘bom no samba’. A celebração consagrava o tripé da imagem da excelência brasileira: café, carnaval e futebol [...] Em 1958, sob o governo Juscelino Kubitschek, vivia-se sob a ideologia do desenvolvimentismo, isto é, de um país que se industrializava voltado para o

mercado interno, para o brasileiro, e que incentiva a vinda do capital internacional com condição reparatória para, conseguido o desenvolvimento, competir com ele em igualdade de condições” (Chauí, 2000, p.31).

Continua a autora apontando a mudança de discurso que houve entre as conquistas de 1958 e o tri mundial de 1970:

“Quando a seleção agora chamada de ‘Canarinho’, venceu o torneio mundial de 1970, surgiu um verdadeiro hino celebratório, cujo início dizia: ‘Noventa milhões em ação/ Prá frente Brasil do meu coração’. A mudança do ritmo – do samba para a marcha –, a mudança do sujeito – do brasileiro bom no couro aos 90 milhões em ação – e a mudança do significado da vitória – ‘de a copa do mundo é nossa’ ao ‘pra frente Brasil’, não foram alterações pequenas [...] em 1970, vivia-se sob a ditadura militar, sob a repressão ou o terror de estado sob a ideologia do ‘Brasil Grande’, isto é, da chamada integração nacional [...] a bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica” (CHAUÍ, 2000, p. 31-2).

Nesta perspectiva, é possível identificar, a partir dos trechos acima citados, dois movimentos que são complementares: o primeiro diz respeito à incorporação do futebol no imaginário de uma identidade nacional brasileira, que por sua vez aparece não como sendo algo estático, mas como uma construção histórica que se transformou de acordo com os contextos sociais de cada período. Já o segundo fator, corresponde aos usos “político-ideológicos” do futebol brasileiro (e de suas

respectivas conquistas) feito pelo Estado Brasileiro, em que dentro de diferentes dinâmicas (“do bom no couro para os 90 milhões em ação”), uma mesma ideia permaneceu independente destes contextos históricos diferenciados. O fator que perpassou estes diferentes momentos foi o que Chauí (2000) chama de “verdeamarelismo”.

“O verdeamarelismo foi elaborado no curso dos anos pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do país essencialmente agrário, e sua construção coincide com o período que o princípio da nacionalidade era definido pela extensão do território e pela densidade demográfica. De fato, esta imagem visava legitimar o que restara do sistema colonial e a hegemonia dos proprietários de terra durante o império e o início da república” (CHAUÍ 2000, p. 32-3).

Segundo a mesma autora, “verdeamarelismo” foi uma forma pela qual as classes dominantes utilizaram para que, frente às transformações que ocorriam no país, a estrutura de poder fosse mantida, na medida em que a classe dominante é tida como o elo com a civilização e com o progresso. Com isso, mesmo com a industrialização e o movimento modernista, o “verdeamarelismo” se manteve através de sua reformulação na “era Vargas” no intuito de se produzir uma identidade nacional. Nos períodos subsequentes, embora esta “ideologia” tenha sido criticada por movimentos que reivindicavam o desenvolvimento de uma “consciência nacional”, como foi o caso do cinema novo e dos movimentos estudantis da década de 60, por exemplo, o Estado nacional brasileiro passou a reproduzir a ideologia do “verdeamarelismo” através de ícones culturais, como foi o caso com o futebol.

Logo, na medida em que o futebol enraizou-se nos diferentes estratos da sociedade brasileira, ele passou a ser usado como solução para o não acirramento das contradições e como forma de união e progresso, de modo que a questão nacional aparece como uma forma de homogeneização e de construção de um caráter nacional pautado na coerência e na convivência pacífica das diferenças, ou seja, uma espécie de “democracia social e étnica”, apontada por Gilberto Freyre, concebida por uma sociedade mestiça: “Creio que o Brasil, como comunidade nacional, tem que ser interpretado em termos de uma comunidade cada vez mais consciente do seu status ou destino de democracia social, cultural e étnica” (2000, p.181).

No Brasil, indivíduos pobres, mestiços, brancos ou não, têm alcançado realização pessoal e autoestima, por meio do futebol e em outras expressões da cultura que contribuem para a formação da identidade brasileira. Portanto, na medida em que o futebol, dentro de seu universo cria seus mitos, a concepção “ideológica” de uma identidade brasileira veiculada à imagem do futebol, se apropria destas criações como uma forma de atualização e reprodução do “semióforo” nacional, manifesto através destes ícones culturais, de modo que estas produções simbólicas presentes no futebol se expandam, generalize e se universalize para todo o corpo social, aponta Ortiz:

“A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode fundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional” (ORTIZ,2006, p. 41).

Nessa perspectiva, o futebol passou, cada vez mais, a fazer parte da cultura e do cotidiano do brasileiro, contribuindo para firmar essa identidade e vocação inspiradora para tantas produções artísticas, literárias e televisivas entre outras. Até mesmo expressões próprias do campo futebolístico passaram a figurar no imaginário popular brasileiro, tal como:

“... pisou na bola, bola murcha, bola pra frente, embolar o meio campo, tirar o time de campo, o cara está na marca do pênalti, vestir a camisa, pendurar a chuteira, bater na trave, time novo, suar a camisa, em time que ganha não se mexe, foi mal, deixar o cara pra escanteio”, dentre muitas outras expressões, oriundas deste esporte que não para de provocar o imaginário brasileiro (ORTIZ,2006, p. 41).

Nesse contexto, criou-se também a imagem em torno do futebol brasileiro de um sentimento único, em que ricos e pobres, negros e brancos, passaram a compartilhar de um gosto comum e de sensações recíprocas, independentes de sua posição social, quando o seu time perde ou ganha. Segundo Da Matta (1982), foi através do futebol que o povo brasileiro em parte passou a assimilar uma espécie de “cultura democrática”, visto que, por intermédio dos jogos – que, como já foi assinalado, é caracterizado pela isonomia das regras, que faz com que os participantes tenham uma igualdade de condições, mas que ao final do jogo de acordo com o mérito dos participantes haverá os vencedores e os derrotados – os torcedores e atletas passaram a incorporar a ideia do “saber perder e do saber ganhar”.

Nesse sentido, o futebol passou a ser uma das principais expressões da cultura popular brasileira, fomentando as paixões das

classes populares e o sonho de uma ascensão social através do futebol, transformando-se assim em um fenômeno de massa. Com isso, os estádios transformam-se em um espaço de explosão dos sentimentos, na medida em que o jogo se tornou um momento no qual o torcedor vivencia as emoções, ou seja, produz aquilo que Elias e Dunning, citados por Stigger (2002, p. 29), denominam de tensões agradáveis, extrapolando a ideia do esporte como simplesmente um modo de libertação das tensões oriundas das relações de trabalho, visto que aponta para a produção de novas emoções no transcorrer da atividade esportiva:

Contudo, a visibilidade e o apelo popular de um fenômeno como o futebol irá depender da produção de seus ídolos no esporte, visto que ao projetar sua imagem para o corpo social maior, ele irá carregar consigo a imagem daquilo que o projetou a esta condição, fazendo com que determinada prática esportiva ou mesmo cultural, consiga atingir um horizonte mais amplo (STIGGER, 2008, p. 30).

Observa Debord (2008, p. 30) que: “O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo”. A sociabilidade que o futebol proporciona em milhões de pessoas do mundo tem alcançado projeções maiores quando inseridas em seu contexto, responsabilidades sociais ou atitudes responsáveis para com o ser humano e com o meio em que vive. Esta projeção de questões sociais maiores para o futebol pode ser vista também no que diz respeito às questões ambientais. Atualmente se fala na necessidade de pensar em soluções e atitudes que movam a sociedade para um posicionamento ecológico

que cresce à medida que os próprios consumidores ficam mais conscientes e exigem produtos menos agressivos ao ambiente, o que na indústria já se chama de "TI verde". Assim, muitos fabricantes também têm trabalhado para desenvolver produtos com menos consumo de energia, além de procurar usar materiais menos poluentes. Um dos grandes focos de investimento nessa área é a energia solar e esta foi evidenciada na Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

A rapidez com que as questões ambientais têm obtido destaque e importância no comportamento das pessoas pode ser um indicativo de que tanto consumidores quanto fabricantes deverão adequar ainda mais suas atitudes; estas preocupações passam a despertar interesses no futebol, para fomentar recursos, e, sobretudo, para propor inserção de programas ambientais. Em tempo da Copa do Mundo, quando bilhões de pessoas se prostram para torcer fanaticamente pela seleção de seu país ou para ver o mais importante torneio de futebol do planeta, já se procura estudar a relação e a força do esporte com a gestão sustentável.

O jornal do Site Gorgulho mostra que a Alemanha montou para a 18ª Copa do Mundo um evento de grandes proporções, mas que gere pouca poluição e que seja ecologicamente correto na produção, na organização e no consumo. Esse é um programa que nasceu ainda na década de 90 e se chama Gol Verde! Nomeou até um embaixador especial em parceria com a FIFA, para o gerenciamento sustentável da Copa: o ambientalista Klaus Toepfer, subsecretário geral da Organização das Nações Unidas e diretor-executivo do PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Foi diretor-executivo do Centro das Nações Unidas para Assentamentos Humanos - HABITAT -, entre 1998 e 2000, e diretor da

Comissão para o Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Comenta-se, com ênfase, que a Copa da Alemanha implantou o programa Gol Verde [Green Goal] que marcou posição em quatro áreas: água, lixo, energia e mobilidade. O Gol Verde fez do evento a Copa do Meio Ambiente. Foram 32 seleções, com cores variadas nos uniformes e bandeiras, mas todas ostentaram uma mesma cor nos seus objetivos: o verde do desenvolvimento sustentável.

O projeto Gol Verde tentou neutralizar todas as 100 mil toneladas de dióxido de carbono geradas pelo sistema de transportes, construção e manutenção dos estádios da Alemanha e também pela presença dos mais de 3,2 milhões de espectadores.

A candidatura do estado do Rio Branco para ser uma das sedes da Copa demonstra a força do futebol como um evento de influência planetária. A candidatura do Acre aposta no quesito consciência ecológica para sensibilizar os organizadores da Copa de 2014, defendida pela ex-ministra do Meio Ambiente Marina da Silva:

"Foi cometendo a ousadia dos pequenos que o Acre decidiu enfrentar o tabu e se candidatou junto à FIFA para ser uma das sedes da Copa de 2014 no Brasil. O fez pelo futebol, pois somos tão apaixonados pela bola quanto todos os brasileiros. Mas, principalmente, porque viu em 2014 a oportunidade de levar adiante a bandeira verde assumida pela Copa de 2006. De lá para cá, o tamanho dos problemas ambientais do mundo deu um salto exponencial, com o desafio das mudanças climáticas. Entendemos que, numa situação dessas, o evento que mais desperta atenção no mundo deve envolver-se e dar uma contribuição à sua altura para melhorar o futuro de toda a humanidade. Especialmente quando se realizar no país que tem em seu

território a maior parte da floresta amazônica, o grande símbolo planetário da luta pela proteção da biodiversidade e da diversidade social e cultural associadas a um modelo de crescimento econômico sustentável [...] Talvez poucos saibam que, já antenados para a fantástica possibilidade de fazer da força motivadora do esporte e do simbolismo da Amazônia um momento de mobilização planetária pelo meio ambiente, o Acre começou a "sonhar" concretamente há muito tempo. E colocou mãos à obra para ter uma estrutura logística condizente com sua demanda. Até por essa abertura à participação panamericana, a escolha de Rio Branco terá uma especial grandeza. Mas a maior será, sem dúvida, aliar, num só lugar, dois grandes campeonatos do século XXI: o maior torneio esportivo e o maior desafio civilizatório que é, o de fazer a transição para um modelo de desenvolvimento baseado em valores humanos e respeito ao meio ambiente".

Roberto Da Matta tratou da força do futebol como parte da identidade nacional e chegou a comparar a Copa do Mundo, no Brasil, com a comemoração da maior data cristã:

"... aqui a Copa do Mundo, esse ritual competitivo que ocorre de quatro em quatro anos, tem o mesmo papel do Natal em países como os Estados Unidos. Só que, na América, são as lojas, residências e ruas comerciais que se enfeitam na celebração natalina. E aqui, o povo emoldura suas casas e, significativamente, as ruas com imagens, cores, bandeiras e objetos alusivos à copa do mundo e, nela, ao glorioso futebol brasileiro [...] O ritual permite e requer a "fantasia": o enfeite que faz com que se tenha consciência de viver o momento fora do normal [...]" (DA MATTA, 2006, p. 91).

É comum se ouvir o discurso de que o brasileiro nasce com a bola no pé. Isso é tão

determinante da configuração social brasileira que, para comparar, afirmamos que não se pode dizer que haja, no Brasil, por diversas razões, a mesma performance para “nascer” com os livros na mão. Camilo Araújo Máximo de Souza, aponta exemplos de como isso acontece:

“O sucesso nesse esporte faz com que o Brasil seja visto tanto pelos próprios brasileiros como pelos estrangeiros como o “país do futebol”. Não por acaso o jogador Thierry Henry, do selecionado time francês, declarou, às vésperas de uma partida contra a seleção nacional, que jogar contra os brasileiros era tarefa difícil pelo fato de estes “nascerem” jogando futebol. Em matéria do jornal Folha de S. Paulo (Técnica..., 2006), a técnica refinada dos jogadores brasileiros seria resultado, segundo Henry, das horas a fio, durante todos os dias da semana, que os jovens aqui passam praticando futebol. As crianças francesas, em contrapartida, como argumenta, são obrigadas a frequentar a escola durante período integral e se ocupam, logo depois, com as tarefas escolares em casa” (2008, p. 1).

Stigger (2002, p. 40) aponta duas dimensões não excludentes para entender o futebol: uma dimensão “macroscópica” e a segunda “microscópica”. A macroscópica é caracterizada por sua estruturação institucional, ou seja, o futebol profissional, os torneios oficiais etc. Por outro lado, esse esporte se processa também em uma escala “microscópica”, que consiste nas práticas esportivas que se tecem no cotidiano, nas ruas, nos condomínios, nas escolas etc. A importância de se pensar através destas duas dimensões decorre do fato de que o esporte é uma forma de expressão de diferentes “estilos de vida”, em que as motivações que levam um indivíduo a escolher a carreira de jogador de futebol decorrem - dentre outros fatores, do fato de ele

incorporar um “estilo de vida” que lhe é anterior e exterior, de modo que desde a infância ele passa a forjar em seu corpo um “capital futebolístico”, ou seja, será através das práticas cotidianas que se processam tanto nas ruas como em campos de várzea, ou mesmo em “escolinhas de futebol” (em menor intensidade), que muitos jovens ao mesmo tempo em que buscam uma forma de diversão e de lazer, passam também a incorporar técnicas e a produzir “sonhos” de um dia se tornar um jogador de futebol.

Assim, o futebol será focado mais no seu sentido macroscópico, na medida em que permite uma análise social fecunda. Segundo expressão de Magnane: “O esporte é o principal polo de atração para as atividades aprovadas, lícitas, conscientemente sociais e no, sentido mais amplo da palavra, dóceis” (1969, p. 39).

Outro elemento de fundamental importância no futebol profissional, mais do que em outras atividades esportivas contribui para a assimilação, universalização e reprodução da identidade nacional, é o fato de que ele proporciona ao público um verdadeiro espetáculo, uma interação e uma sinergia que só se explica no interior do mesmo. Ninguém neste mundo pode falar plenamente de futebol e suas particularidades se nunca assistiu ao vivo a um jogo de futebol nas arquibancadas de um estádio. Muitos roem as unhas, outros gritam de forma que jamais fariam em outro lugar, outros, mesmo assistindo ao vivo da arquibancada, carregam seu radinho de pilha para ouvir a narração do mesmo, outros usam em suas vestimentas o nome de seu time (e até em sua roupa mais íntima). Tudo isso compõe o espetáculo.

Em época de Copa do Mundo o espetáculo se amplia e os problemas parecem

menores e, às vezes, até parece que não existem.

Pereira analisa assim:

“Em um país de tamanha desigualdade social como o Brasil, o futebol, assim como o carnaval e as telenovelas, tem o sentido do “Circo” que alegre e distrai o povo cheio de necessidades, que, literalmente, está sem “pão”. Como maior fenômeno de massa do país de miseráveis, o futebol é contexto para exorcizar as faltas e se travestir de verde e amarelo de modo a exaltar seus tipos, os quais, de forma identitárias, refletem desejos de ascensão e de possibilidades. Os ídolos, os atores principais, os heróis, ou seja, os jogadores, passam a ser adotados por todo o corpo social como um representante da nação, fonte de orgulho e autoestima desse povo” (2008, p. 33).

O espetáculo apresentado pelo futebol profissional simplesmente impressiona pelos números: número de torcedores, número de dirigentes, número de clubes, número de jogadores e números financeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Calcula-se que no Brasil sejam mais de 13 mil times, milhares de jogadores, 589 estádios capazes de receber, simultaneamente, 6 milhões de torcedores. Cada ano são vendidas 60 milhões de camisetas, 7 milhões de bolas, 4 milhões de chuteiras. Estima-se que o futebol movimenta por ano, no Brasil, 6 bilhões e dólares analisando-se as histórias, os museus, os espaços, os próprios atletas e as famílias.

A relevância social desse esporte mantém discussões, provoca debates e leva as pessoas às mais calorosas disputas a respeito do desempenho, das batalhas, das falhas e sucessos e das trocas dos vínculos. Quando se trata de futebol tanto em relação ao trabalho quanto às

políticas sociais, ambas apontam para uma das problemáticas mais cruciais da humanidade: a desigualdade social. Desde o início da existência do futebol que o sucesso e o fracasso despertam o sentimento de vaidade e solidariedade, como a miséria promove comoção que leva à organização de grupos voltados às atividades solidárias a fim de minimizar o sofrimento social e promover movimentos em busca de condições mais justas e menos excludentes.

O futebol brasileiro pode e tem todas as credenciais para se inscrever numa política de trabalho diferente de como se apresenta atualmente, mas, pelo que se observa, não é o que acontece no Brasil. Para tanto, julga-se necessário compreender por meio de uma análise sociológica as questões que interferem no equilíbrio e ressaltam as desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, C. **Excelência em Serviços: questão de sobrevivência no mercado.** Qualitymark Editor, São Paulo, 1996.

BEDOIAN, G.; Teresinha, C.B. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

CHAUÍ, M. **Mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHESNAIS, F.; e colaboradores. **Globalização e socialismo.** São Paulo: Xamã Editora, 1997.

COSTA, A.C.B. **Bate-bola com a crônica: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira.** Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1.sem. 2001, 80 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Extraído da web – www.facom.ufjf.br em 22/7/2008.

DAMATTA, R. **Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro.** In: Universo do futebol. Rio de Janeiro: Ed. Pinakotheke, 1982.

- DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DAMO, A.S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- DANGEVILLE, R. **Crítica da educação e do ensino: introdução e notas de em Karl Marx e Friedrich Engels.** 1978. Ver local e editora
- DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.
- ECO, H. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- ELIAS, N.; DUNNING, J. **A busca da excitação.** Lisboa: Diefel, 1992.
- Governo do Estado de São Paulo. **Diagnóstico para o programa estadual de qualificação profissional: caravana do trabalho.** São Paulo: Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, 2008.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- HELAL, R. **Passes e impasses.** Ed Petrópolis, Rio de Janeiro, 1997.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2001.
- JARDILINO, J.R.; ROSSI, G.; SANTOS, G.T. **Orientações metodológicas para elaboração de trabalhos acadêmicos.** São Paulo: Gion, 2000.
- KLIKSBERG, B. **O desafio da exclusão: para uma gestão social eficiente.** São Paulo, 1997.
- MAGNANE, G. **Sociologia do Esporte.** São Paulo. Editora Perspectiva, 1969.
- MARTINS, J.S.; MENCARINI, F. **Sociologia e sociedade.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.
- MÉSZAROS, I. **A TEORIA DA ALIENAÇÃO EM MARX.** São Paulo, Bomtempo Editorial, 2006.
- MÉSZAROS, I. e colaboradores. **Globalização e socialismo: a subordinação do trabalho.** São Paulo, Xamã Editora, 1997
- NOGUEIRA, C. **Futebol Brasil memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva.** Rio de Janeiro: SENAC, 2006.
- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PAHL, R. **Depois do sucesso: ansiedade e identidade fin-de-Siècle.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- PEREIRA, A.B. **A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrante de suas matrizes.** Tese de doutorado em Psicologia Social. PUCSP, 2008.
- PIMENTA, C.A.M. **O processo de formação do jogador de futebol no Brasil: sonhos, ilusões, frustrações e violências.** [Tese] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.
- PIMENTA, C.A.M. **Sociologia da juventude: futebol/paixão/sonho/frustração/violência.** São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.
- Revista Veja. Edição especial Nº66 - Ano 39. Smit, Bárbara. **A invasão de campo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- SPINK, M. **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez, 1999.
- SOUZA, C.A.M. **Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros.** Horizonte Antropológico. Vol.14 Nº30 Porto Alegre July/Dec. 2008 (scielo-27/2)
- STTIGER, M.P. **Esporte, lazer e estilo de vida; um estudo etnográfico.** São Paulo: Autores Associados, 2002.
- TOLEDO, L.H. **Torcidas organizadas de futebol.** São Paulo: Autores Associados, 1996.
- TOLEDO, L.H. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- Jornal Lê Monde Diplomatique Brasil (2002). <http://diplo.uol.com.br/imprima337>, acesso em 13 de março de 2009.

www.gorgulho.com/reportagens/esporte_meio.htm. Extraído em 19/02/09

www.nossasaopaulo.org.br/marina.silva08@terra.com.br extraído de Andrea R. L. Magri-

www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=18065-15/02/09 às 22:47

www.pele.net em 3/12/2008

www.globoesporte.globo.com em 3/12/2008

www.portalgm.com em 3/12/2008

www.efdeportes.com Revista Digital - Buenos Aires - Ano 12 - N° 115 - Diciembre de 2007. Motivos que levaram a abandonarem a carreira de jogador profissional

www.universia.com.br/materia/imprimir.jsp?id=11472-06/03/2009) Portella
www1.folha.uolhttp.com.br/fsp/esporte/ em 19/02/09.

CasoCasagrande-[www.-/ultimosegundo.ig.com.br/esportes/futebol/2008/03/27/casagrande_esta_internado_para_se_livrar_das_drogas_informa_revista_1245233.html](http://www.ultimosegundo.ig.com.br/esportes/futebol/2008/03/27/casagrande_esta_internado_para_se_livrar_das_drogas_informa_revista_1245233.html) em 01/02/09

www.duplipensar.net/artigos/2004-Q3/futebol.htm - em 11/10/2004

blogdobirner.net/2007/10/16/o-poder-de-controle-na-cbf-primeiro-post-de-rodri-go-monteiro-de-castro/ em 10/02/2007.

Sobre Juninho:
http://br.news.yahoo.com/s/afp/090106/esportes/fbl_fra_bra_104 em 06/03/09.

<http://www.ana.gov.br/AcoesAdministrativas/RelatorioGestao/Rio10/riomaisdez> em 19/02/09

Extraído do site www.agencia.ac.gov.br/esporte em 20/03/2009.